na e uma lamella, o effeito da acção d'uma gotta d'este soluto sobre uma gottinha de sangue humano, tirado na occasião do dedo do operador: se se trata d'um sangue animal, assiste-se a uma contracção e deformação dos nossos globulos rubros, modificação que se não opéra se o soluto de sôro fôr homologo, isto é, de sangue humano ou de sangue d'animal muito proximo, como o das diversas especies de macaco.

Este methodo, simples e que não exige perda de tempo, nem de material, pôde ser utilisado como indicador prévio do methodo de precipitação, e n'este sentido o recommendam o proprio UHLENHUTH, KRATTER, PFEIFFER, HEGLER, CARRERA, etc.

(*Continúa*).

O trabalho dos negros na exploração do ouro na bacia do Falémé (Africa Occidental francesa)

POR

Eug. Ackermann

Engenheiro de minas

Entre as provincias da margem direita do Falémé, um dos rios tributarios do Senegal, onde se encontra o ouro no Sudão francez devem especialisar-se Beledougou, Sirmana e Dentilia. São as unicas provincias da margem esquerda do Falémé onde se pôde explorar o ouro, mesmo durante o periodo das chuvas.

As outras regiões mais proximas da foz do rio estão parcialmente inundadas; porisso só se pôde trabalhar na estação secca, de janeiro ou fevereiro a junho.

Os melhores sitios para procurar o ouro, sem ter que fazer poços, são alguns esteiros na proximidade Falémé. É ahi que os habitantes de muitas aldeias das regiões mais pobres em ouro vão passar alguns mezes do anno.

A terra de alluvião explorada compõe-se de quartzo e d'uma mistura de schistos, de argilla e de depositos terrosos procedentes da desagregação das rochas. A diorite, mistura de plagioclase e d'amplibolo, encontra-se tambem representada.

São as negras, mulheres dos Malinkés, que lavam o ouro.

Nada mais simples do que os utensilios que usam para este trabalho: são calabças e conchas.

Em diversos sitios dispõem de um jogo de tres calabças grandes e de tres pequenas (1). Da margem ou do fundo dos esteiros tiram a terra, que deitam nas calabças, e que depois enchem de agua. Com uma das mãos imprimem-lhe um movimento de rotação; com a outra remexem a terra para a lavar. Deitam em seguida fóra a terra e as pedras; enchem de novo, e continuam a trabalhar assim até que não haja no fundo da calabça senão uma areia negra ferruginosa. Imprimem então um movimento da balança á calabça, de sorte que o ouro fica nas paredes e a areia ferruginosa no fundo. Deitam fóra este residuo, e recolhem o ouro n'uma pequena concha (2).

É um methodo muito vagaroso e primitivo; e facil é de comprehender que, por isso, fique na terra sujeita a tratamento mais ouro do que o que de lá conseguiram tirar as negras.

As calabças, de que usam as mulheres dos Malinkés, tem a capacidade de 5 a 8 litros. Em média, uma mulher gasta 4 a 5 minutos para tratar o conteúdo de uma grande calabça, contendo 15 a 24 kilogr., adoptando 3 por média do peso especifico da terra e das pedras. Cada mulher trata n'uma hora 78 litros ou 234 kilog. de terra. Se a mulher tem a fortuna de explorar uma areia rica, contendo por exemplo, 20 a 50 gr. de ouro por tonelada, pôde fazer muito boas diarias. Deve dizer-se que ha areias auríferas que contém mais de 50 gr. d'ouro por tonelada.

Desde Toumbura veem do interior as mulheres dos Malinkés extrahir o ouro pela lavagem das areias dos rios. Os negros constroem os seus acampamentos nas margens do rio; homens, mulheres e crianças ahi estacionam até o começo do periodo das chuvas; mas, em regra, só as mulheres lavam as areias auríferas. Os negros voltam depois ás suas aldeias, para se occuparem um pouco de agricultura.

(Continúa).

(1) As *calabças*, *cabaças* ou *cabaços* são o vaso ou recipiente formado pela casca secca do fructo de uma cucurbitacea. As gamellas de madeira são a grande excepção no trabalho das areias auríferas da África Occidental francesa.

(2) Estas conchas são de mexilhões de rio; tem a fórmula das conchas dos mexilhões do mar, mas são menos fundas.